

REPRESENTAÇÕES IMAGINÁRIAS DO LUGAR: PRÁTICAS, INVENÇÕES E APROPRIAÇÕES. - Lugares humanos e humanos-lugares na obra de Dany Laferrière

Philippe de Avellar Dias Pinto

avellarph@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7640942482929275>

RESUMO

A pesquisa realizada entre janeiro e julho de 2015 estudou o autor haitiano Dany Laferrière através de algumas de suas obras, todas publicadas no Quebec, a região francófona do Canadá. Através das obras compostas no que hoje se chama, não sem controvérsias, “autoficção”, examinou-se como seu protagonista, em profunda simbiose com o autor, vivenciava sua identidade levando-se em conta, antes de mais nada, o espaço físico. Esta noção rapidamente se alargou para incluir não somente espaços objetivos, como o local em que o personagem efetivamente estava posicionado, sua terra natal (e a distância que porventura estivesse dela), um país estrangeiro, etc, como ainda os espaços subjetivos: os elementos espaciais que trazia nos traços físicos, culturais, sociais, que faziam dele uma alegoria ou um representante de certo país, um semelhante ou um estranho; havia ainda as terras que trazia dentro de si, em memórias e fantasia, que poderiam contrastar-se ou sobrepor-se ao mundo percebido por seus sentidos. Outros personagens também ofereceram informações valiosas sobre esta relação espaço-ser, sendo incluídos no estudo, embora sua aparição mais breve não permitisse análises tão profundas. Temas como a migração, o exílio, a nacionalidade, a globalização, os clichês étnicos, o preconceito, o sexo e a língua também perpassam as observações realizadas, sempre balizadas pela referência espacial, por sua característica enquanto formadores de identidade ou de *personae*, e pelo suporte teórico e científico escolhido para amadurecer e enriquecer o olhar sobre o material literário.

Palavras-chave: lugar; identidade; deslocamento; literatura quebequense

APRESENTAÇÃO

No presente trabalho, desenvolvido ao longo de sete meses de pesquisa, procurou-se explorar a experiência do deslocamento de um sujeito desde sua terra natal até uma outra, que lhe era estranha, e algumas das inúmeras consequências que essa movimentação acarreta, interna e externamente a esse sujeito. Foi escolhida a literatura migrante do Quebec, simbólica por si mesma: sendo Quebec um território de “deslocados”

por excelência, tanto do ponto de vista histórico como cultural e artístico, terra dividida entre duas línguas e dois países que trazem nas costas o peso de guerras centenárias. Terra que tem como lema a promessa de jamais esquecer (“Je me souviens...”), mas tem o eterno problema de pouco se encontrar.

As vozes que lá chegaram em migrações recentes, em fuga da guerra, de conflitos políticos, situação de exílio ou perseguição, trazem consigo um universo pessoal polvilhado de depoimentos e clichês que logo causam toda espécie de atritos. Chegam naturalmente em situação de defesa, desprovidos do maior elemento que poderia ligá-los aos demais: a língua. Subjugados pelo número e pelo gritante estrangeirismo estampado no rosto, nos gestos, nas roupas e no sotaque, o migrante é quem se torna, no momento de seu primeiro passo em nova terra, o erro.

O autor analisado, Dany Laferrière, traz em seu texto marcas desse processo. Tendo fugido de sua terra natal em situação política crítica, pouco após o assassinato de um colega de trabalho, em 1976, refugia-se no Canadá. Não só possui um engajamento político de risco, como traz no sangue e no próprio nome outro agravante, posto que seu pai fora exilado vinte anos antes. Mesmo não sofrendo de forma tão gritante com a barreira linguística, uma vez que estudou o francês toda a vida junto à língua *créole* de seu país natal, Laferrière ainda tinha sobre si marcas suficientes para sofrer exclusão. Negro em país predominantemente branco; representante involuntário da cultura do vodu haitiano em uma nação fortemente católica; nascido em terra agrícola e pobre chegando ao país industrializado. Deixando de lado os trabalhos físicos que realizou nos primeiros momentos em sua nova morada, compra uma máquina de escrever, tornando-se um dos autores estrangeiros que teriam destaque a partir da década de 60.

Mas é preciso cuidado especial ao analisar a obra de Laferrière, pois se todos os seus livros têm um mesmo personagem central e narrador (“C’est le même qui traverse tous mes romans(...)” LAFERRIÈRE, 2010, *J’écris comme je vis*, p. 55), e o autor deixa claro que todos os seus livros têm elementos autobiográficos, é também com absoluta naturalidade que enuncia a ficção que atravessa sua trama (“Dans mes livres, je raconte à la fois ma vie réelle et ma vie rêvée... Je crée ma vie au fur et à mesure que je la vis.” *Idem*, p. 11). A dissociação do protagonista de seus livros e o autor “ele mesmo” é um

processo difícil até para o próprio; mas quando se abre mão deste rigor, vê-se na criatura as mãos do criador, encontra-se a sensibilidade do artista que tem sua história, e quer contá-la, pelo real e pela fantasia: “Tout ce que je sais c’est que, pour moi, écrire et vivre ne font qu’un.” (*Idem*, p.12).

Tanto o suporte teórico quanto a análise atenta de obras literárias de tamanha sensibilidade e riqueza de experiências permitem a reflexão, também, sobre os laços humanos, como bem aponta Bauman em sua sequência de livros “Líquidos”, da qual elencamos *Amor líquido* como especialmente pertinente. Laços, fragilidade, bem como a “fluidez” contemporânea que atinge não apenas os deslocamentos físicos agilizados pela modernização dos meios de transporte, como também da informação, com o advento da virtualidade e da absoluta ressignificação da distância, da intimidade, da confiança e da presença, alicerces do contato entre as pessoas. Procurou-se compreender como o autor e sua persona “se veem” desde a infância vivenciada no Haiti, ao momento do deslocamento para o Canadá, a passagem pelos Estados Unidos, e o posterior retorno, que configura reencontro e desencontro com o que foi deixado para trás.

DESENVOLVIMENTO

Logo no começo da pesquisa, tendo sido feita a escolha do autor, foi realizado um estudo de artigos que versavam sobre o Quebec, um pouco de sua história, seu panorama literário e o movimento dos autores migrantes que despontou a partir da segunda metade do século XX. Os temas do exílio, do deslocamento, da viagem, da sensação de estranheza, da dificuldade de comunicação devido à barreira linguística, todos estes eram uma constante, vividos igualmente por autores e personagens. Dany Laferrière experimentou em menor grau este último fator de estranhamento: o francês do Quebec não se distanciava tanto daquele estudado por ele quando jovem. Todos os seus livros foram também escritos em francês. Neste momento foram de grande valia os artigos produzidos pelo Núcleo de Estudos Canadenses da UFF e da Associação Brasileira de Estudos Canadenses – ABECAN.

Para melhor desenvolvimento do trabalho comparativo e analítico, foram escolhidos três momentos na história do autor – logo, também de seu personagem – embora todos

os seus livros tenham sido escritos já na fase adulta: a infância no Haiti; a ruptura com o conhecido e o exílio na América do Norte; o retorno, vinte anos após a partida, à terra natal. Simultâneos à leitura das obras, artigos, entrevistas e estudos sobre o autor aprofundaram o olhar crítico de sua produção. Itens como a questão da habitabilidade (PORTO, 2012), o jogo de nomes e apelidos, o olhar e a interação entre personagens e elementos físicos da paisagem foram referências em cada um destes momentos, principalmente quando se faziam fatores de familiaridade ou estranhamento, acolhimento ou atrito.

Representando o primeiro espaço, a cidade da infância (mas não de nascimento, que seria a capital Porto Príncipe), *Petit-Goâve*, estão os livros *L'Odeur du café* e *Le charme des après-midi sans fin*. A história é contada pelo narrador-personagem *Vieux Os* ("Osso velho" ou "Velhos ossos" em tradução livre), primeiro nome da persona de Laferrière. Seu nome verdadeiro é posse exclusiva de sua avó, Da, aquela que o criou, o que já espelha a crença haitiana da importância dos nomes. O apelido é bem pertinente: o menino é perspicaz, por vezes bastante maduro, capaz de entreter-se, imóvel, por longo tempo, com coisas que escapam aos adultos, convivendo apenas com esta idosa avó.

A cidade constitui um espaço de segurança e total familiaridade para o protagonista, que se relaciona facilmente com os demais habitantes, mesmo que isso não o isente de conflitos e atritos várias vezes. Quase todos têm nomes (ou apelidos) que os identificam, e sua aparência, maneira de falar e agir os definem e caracterizam sob o olhar desta criança atenta, que facilmente os reconhece. Esta liberdade de movimentação e interação faz com que *Vieux Os* seja quase uma extensão do lugar. Um estudante entre tantos, um menino tímido e enamorado que não se relaciona bem com meninas, um jovem que apronta suas traquinagens. Sua identidade perante os outros é a do semelhante.

Sua figura é também fortemente atrelada à de sua avó; ser neto de Da é o ponto que mais o singulariza entre os demais. Da é uma referência a todos no lugar, assim como seus hábitos, sua forma de sentar-se para ver a rua, tendo aos pés sua cafeteira, e a maneira como sempre tem café forte e fresco a oferecer, junto a seus conselhos. Hábitos repetidos ao longo de muitos e muitos anos, que conferem a ela o tipo de sabedoria mais valorizado em seu país. Circunscritos em um pequeno espaço que é sua ilha, os haitianos

não partilham tanto do hábito ocidental de associar vivência a longos espaços percorridos, a que comumente nos referimos como “pessoas viajadas”. A maturidade viria com o tempo: em vez de um conhecimento raso acerca de itens os mais diversos, o saber profundo e enraizado de quem já muito viveu em um mesmo lugar, e o conhece perfeitamente.

De fato, a ligação dos habitantes de *Petit-Goâve* com sua terra e seus hábitos é tão intensa que é difícil dizer à primeira vista quem habita quem. A menção constante de pessoas cobertas de pó dos caminhos, de água do mar ou da chuva forma belas imagens dessa simbiose entre habitante e habitat. Qualquer episódio passível de estranhamento é logo explicado de forma a fazer parte da cultura e das crenças tradicionais, sendo “engolido” pela familiaridade local, incluindo os fatores mágicos, pois o mistério e o transitar de espíritos e zumbis também fazem parte do cotidiano deste povo. Os mortos e os vivos partilham rotinas no Haiti.

É irônica que a primeira perda identitária ligada ao espaço se dê para *Vieux Os* quando precisa retornar a Porto Príncipe, uma vez que sua pequena cidade já sofre as pressões e perigos da ditadura dos Duvalier. A capital é a terra onde nasceu e onde mora sua mãe, mas não é seu primeiro lar. Revivendo o episódio vivido por seu pai, exilado durante a ditadura de Duvalier Pai (Papa Doc), nosso autor refugia-se no Canadá durante a ditadura de Duvalier Filho (Baby Doc) por ser um jornalista ativo politicamente.

A obra *Chronique de la dérive douce* transmite, agora em versos, as primeiras impressões no novo país. Em um mundo estranho, desprovido das referências habituais que tinha no Haiti, a nova identidade assumida será a do *Nègre*. Esta nova forma de se enxergar advém não da semelhança e da identificação, mas antes do terrível contraste. Sem dinheiro, sem grandes qualificações profissionais interessantes, em uma “terra de brancos” que nunca lhe deu boas vindas, o personagem-narrador terá no próprio corpo o meio de sustento, de prazer, e de afirmação de si mesmo. Será trabalhador braçal, onde encontrará outros negros, embora seu laço com eles nunca atinja a profundidade que tivera com seus conterrâneos; é uma união mais tênue, de quem compartilha uma sina e um modo de sobrevivência precário, trocando dicas e informações úteis para lidar com os obstáculos cotidianos.

Agora sem nome, este negro apropria-se de todos os clichês que envolvem sua figura para usá-los em sua própria definição – antes que o façam por ele. Figura tropical, exótica e altamente sedutora, torna-se praticamente ponto turístico em *Éroshima*, durante sua passagem nos Estados Unidos, hospedado no apartamento de uma conhecida, também estrangeira, Hoki. Toda a obra é permeada de figuras quase estereotipadas e alegóricas, embora suas sutilezas possam demarcar suas diferenças, e permitam ricas reflexões. Kero, de origem japonesa, tem a fineza das gueixas e um culto à memória de seu país perdido, administrando uma casa de chás temática com toda a ritualística apropriada. Hoki, por sua vez, faz-se cidadã moderna americana, mas com a fibra do samurai: apartamento quase vazio e sempre de portas abertas, espelho de seu desdém à fixidez das raízes, fotógrafa que viaja todo o tempo, sendo cidadã do mundo inteiro, e de parte alguma. Mesmo seus laços são fugazes, trocando de amantes e amigos, sempre os mais variados em tipos, nacionalidades, profissões, identidades sexuais. Um verdadeiro cosmos portátil.

Há um elemento que une estas e outras jovens japonesas, bem como os esparsos europeus de *Éroshima*, os excluídos e destituídos de *Chronique de la dérive douce*, e compõe o clichê do *Nègre*, sendo por ele muito bem explorado: o sexo. Portadores de universos interiores incomunicáveis devido ao constante deslocamento, ao tempo breve e à dificuldade de comunicação (embora, ao longo das obras, todos apareçam alegoricamente falando francês), tudo o que todos os personagens têm para compartilhar são seus corpos. Deles extraem prazer, alívio, companhia, a ilusão de conforto. Justamente sua pele, sua superfície, aquilo que primeiro denuncia sua diferença, é o elemento que os aproxima. São todos iguais por serem diferentes dos outros que ameaçam engoli-los. Esse medo de desaparecer e o apelo erótico se condensam no título da obra, reunindo a obliteração da bomba atômica à negação da dor proposta pelo sexo casual.

Pays sans chapeau é o livro escolhido para falar do retorno ao Haiti, vinte anos após a partida. Momento ao mesmo tempo de reconquista e perda definitiva, pois muito do que se esperava reencontrar está irremediavelmente fora de alcance. Porto Príncipe recebe o protagonista sob a forma de sua tia Renée e sua mãe; sua avó, Da, já havia falecido anos

antes. Mesmo a figura desta mãe, tão intensa, tem ares de se dissipar lenta e inexoravelmente, com uma capa de força que esconde a fragilidade da idade e as tristezas do coração. Ela está frágil, o que assombra o protagonista.

É também o reencontro com sua identidade de *Vieux Os*, sendo assim chamado por todos no livro. É com certa frustração que ninguém de fato encontra o *Vieux Os* esperado. A saída do país, mais do que seu destino, é uma cisão definitiva entre aquele ser e os demais; a mãe, por exemplo, é tão apegada ao país que “o Haiti não existiria para mim sem ela” (LAFERRIÈRE, 2010). O mundo exterior é um grande vazio, e as únicas palavras que usa para se referir a qualquer lugar por onde seu filho transitou durante 20 anos são “lá longe” (“*là-bas*”), reduzindo espaço e tempo em uma tentativa de reaproximá-lo, negando o que tenha se passado que possa ter alterado tanto seu “menino”. A acusação que paira, silenciosa é “você não estava aqui, conosco”.

Por outro lado, também ele viveu aquilo que não pode compartilhar inteiramente com ninguém. Viveu em “país de primeiro mundo”, tornou-se escritor, figura de importância que apareceu na televisão e nas rádios, ligado a uma forma de cultura que não é familiar aos conterrâneos. Seus laços com os demais se formam através destes vazios, ancorados no passado e no sangue como pontes erguidas – palavras novas tentando tapar o espaço deixado pelo silêncio passado e mesmo presente, pelo não-dito.

Ao reconhecer na imobilidade da paisagem a terra de sua origem, este escritor ousadamente diz que “está em casa” (LAFERRIÈRE, 2006). Dentre os volumes do corpus estudado, *Pays sans chapeau* é o que tem mais elementos sobrenaturais, religiosos e culturais ligados ao Haiti, ao vodu, e às entidades de origem africana e lá reinventadas. É também o único em que o *créole* aparece diretamente, sob a forma de ditados, logo seguidos de tradução para o francês. Não por acaso, o livro é dividido a cada capítulo em uma “vida real” e outra “vida sonhada”, o que subentende os elementos criados pelo autor que permeiam os traços autobiográficos. É inútil procurar determinar onde estão os limites de uma e de outra, posto que ambas só se manifestam através das percepções deste ser híbrido autor-narrador, chegando até nós filtrado por sua própria arte de escrever.

As entrevistas analisadas permitiram avaliar o autor fora do ambiente artístico manipulado por ele. Desta vez lendo diretamente sobre Dany, e não sua persona, vemos

claramente o quanto se identifica com o país natal, fazendo de todo ele, e incluindo ali todos os habitantes, sua casa. Uma casa que deixou a contragosto, mas que ainda é sua, embora não habite mais nela de forma definitiva. Luta por ela, interessa-se por sua situação política, social, deseja dar-lhe visibilidade, embora refute o título de humanista ou altruísta; de fato, recusa qualquer título, pois não deseja ver-se preso a nenhuma etiqueta, nem mesmo a de autor migrante, exilado, de diáspora, pós-colonial, negro, francófono, ou algo que o valha. Aquilo que viveu não precisa aprisionar aquilo que é ou deseja ser, e por isso tão facilmente se reinventa.

CONCLUSÃO

Diferentemente de textos exclusivamente informativos, um texto literário convida o leitor, e o estudioso é primeiramente um leitor, às infinitas possibilidades de interpretação de uma obra de arte. Não se pretende colocá-las como verdades absolutas, mas tão somente chaves que possam abrir novos olhares, e manifestar o *devir*; as possibilidades de ideias, diálogos, o despertar da sensibilidade frente às obras, aos criadores, aos outros humanos e suas questões.

A riqueza da produção escolhida não estava somente no conteúdo, embora este fosse do maior interesse para a pesquisa. Também a forma como foram narradas as experiências foi de suma importância (é importante dizer que mesmo *Chronique de la dérive douce*, composto em versos livres e brancos, tem enorme peso narrativo). Dany opta por uma forma de escrever sempre *presentificada*: verbos frequentemente no tempo presente que falam de ações presenciadas por seu protagonista, dando uma visão bastante cinematográfica da cena. Não sabemos nada do futuro, assim como pouco vivemos do passado, exceto por aquilo contado (no presente) por outros personagens. Não há margens para *flashbacks*: tudo se desenrola bem diante da persona de Dany, e compartilhamos de suas experiências enquanto estas se lhe passam também (à exceção de *Éroshima*, de composição mais fragmentada).

De todo modo, não é característica do autor dar grande espaço para reflexões ou análises lógicas ou emocionais, seja de si mesmo, e menos ainda dos demais. O mundo alheio permanece fora de alcance, porque seu narrador não é onisciente, e tudo lhe

chega apenas através dos indícios sutis das expressões, movimentos, comportamentos, olhares, palavras e silêncios. Todo o mundo é percebido por meio de sensações, pelo aguçamento dos sentidos e da percepção, e muitas vezes a interpretação destes estímulos cabe exclusivamente ao leitor. A narração é cheia de imagens bem descritas, cheiros de toda sorte, texturas, sons diversos, alimentos descritos em pormenores, dores, e seu processamento é igualmente mais físico do que psicológico. Testemunhamos as reações físicas de prazer e repugnância, tremores, sudoreses, fome, palidez, rubor, frio, medo, mal-estar, excitação sexual, apatia, febre.

Através da leitura, seu mundo se torna também o nosso. A riqueza de experiências permite enorme grau de imersão, sem sermos forçados a ler as conclusões dos personagens, mas antes termos as nossas. Diante do mundo que se descortina, esquecemos por vezes que há o filtro duplo de Laferrière e de sua persona para que aquilo chegue até nós. Este é um verdadeiro convite para experimentar o lugar do outro, e tomar parte na vivência do deslocamento, do exílio, da perda do “pertencer” e da habitabilidade. Somos confrontados com diferentes formas de exclusão, de ordem geográfica, linguística, cultural, étnica, social, e somos forçados a digerir a experiência nós mesmos, sem nenhum produto já pronto, nenhuma conclusão adiantada e oferecida pelo outro. É produto nosso.

A vivência do lugar, logo, é uma situação absolutamente singular, assim como a vivência da errância. O jogo de atritos produzido pelo estranhamento diante do novo é uma constante, mas as maneiras de reagir a isso são as mais diversas. É possível apegar-se ao passado, ao lugar deixado para trás, uma âncora de segurança e sentimentos de distanciamento. É possível também conviver com um eterno vazio, que pode ser cultuado, ele mesmo, como algo de importância, ou ser preenchido avidamente pelas experiências que o novo oferece. É viável, ainda, tentar ao máximo romper com os laços anteriores para recriar os novos, ciente de que jamais serão os mesmos, ou produzidos com total naturalidade.

Também a identidade é transformada a cada instante pelo entorno. Por vezes definida pelos outros em critérios de estranho/semelhante, ou bem vindo/excluído, além de uma série de outras dicotomias, estabelecidas na relação e na interdependência, na

convivência ou falta dela. Os traços superficiais de ordem física ou estereotípica não se “despregam” facilmente, e são material para a interpretação de outrem, muito antes que do próprio sujeito. Ele é revestido de significados que às vezes sequer compreende, enquanto sofre esta leitura alheia, em especial quando colocado em evidência, na posição da diferença. Subitamente, sua aparência, roupas e modos representam muito mais do que estava preparado para lidar, e é transformado em emblema, não raro de toda uma comunidade justamente quando se vê terrivelmente só.

Mas mesmo diante destas forças das quais não pode escapar, o sujeito pode reagir, não sendo mais apenas figura passiva da relação. Pode apropriar-se do jogo de clichês e fazer dele ponto de partida para construir algo novo, ou armar-se para derrubá-los tão logo queira fazê-lo. Pode também usá-la como capa, mantendo a salvo um mundo interior que não será facilmente acessível, justamente por ser pouco familiar; pode ainda inverter o jogo de relações, antevendo as ações e pressuposições dos demais que partem dos clichês sobre si, e surpreender com respostas totalmente avessas.

Nisso, percebemos que o excluído é, por um lado, facilmente tolhido devido à sua enorme evidência frente à uniformidade da maioria, sua incapacidade de lidar com hábitos e fazeres que não faziam parte de seu mundo, e exigem uma rápida e dolorosa adaptação. Por outro, é incrivelmente livre, justamente por não estar, por princípio, inserido no mesmo sistema que os demais. Seu transitar pode se transfigurar numa fluidez de ir e vir, como também de ser, criar, transformar, apropriando-se de elementos do novo para compor o inesperado, e incrível. Esta é, também, a liberdade do artista.

A ponte mais acessível para o outro é através da sensibilidade, pois o coração é uma entrada mais facilmente arrombada do que a mente. Talvez por isso a arte seja capaz de produzir resultados que a ciência, por mais exata, não atinge plenamente. Mais que o simples estudo, é o contato com obras deste tipo que verdadeiramente amplia a capacidade do ser humano de abrir-se para o outro, reconhecê-lo, vê-lo, ouvi-lo, mais do que simplesmente conhecê-lo, olhá-lo, escutá-lo, que é o que nos oferece uma visão automatizada e insensível. Neste tipo de atividade, o pesquisador reencontra sua humanidade e é não apenas cientista, mas leitor, apreciador e ser vivo, capaz de profunda síntese com aquilo sobre o qual se debruça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lilian Pestre de & CHARTIER, Daniel. *Le Québec : Images et Textes*. Niterói, NECAN – UFF, Curitiba, ABECAN. 1992

AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas, Papirus Editora. 1993

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004

DANTAS, José Maria de Souza. *Imagem poética, Linguagens, Modernidade*. São Paulo, DIFEL - Difusão Editorial S.A. 1979

FARAH, Alain. Un Japon de papier. In *Voix et Images*, volume 36, n.2. Montréal, 2011 (URI :<http://id.erudit.org/iderudit/1002441ar>)

FIGUEIREDO, Eurídice & PORTO, Maria Bernadette (org.). *Figurações da Alteridade*. Niterói, EdUFF. 2007

HANANIA, Cécile. De Hiroshima à Éroshima : une érotique de la bombe atomique en forme de haïku selon Dany Laferrière. In *Voix et Images*, volume 31, n. 1. Montréal, Université du Québec, 2005.

LAFERRIÈRE, Dany. *Chronique de la dérive douce*, 2^a ed. Montréal, Les Éditions du Boréal, 2012

_____. *Éroshima* Montréal, TYPO. 1998

_____. *J'écris comme je vis*, Montréal, Les Editions du Boréal, 2010

_____. *Le charme des après-midi sans fin*, Outremont. Petite Collection Lantôt. 2001

_____. *L'odeur du café*, Montréal, TYPO, 1999

_____. *Pays sans chapeau*, Montréal, Les Éditions du Boréal. 2006

MIRAGLIA, Anne Marie. Le retour à la terre et l'absence du père dans *Pays sans chapeau* et *L'Énigme du retour* de Dany Laferrière. In *Voix et Images*, volume 36, n. 2. 2011 (URI :<http://id.erudit.org/iderudit/1002444ar>)

PAULA, Irene Corrêa dos Santos Barbosa de. Entrevista com Dany Laferrière in *Revista Brasileira do Caribe, Vol. IX*, julho/dezembro de 2008, organizada por Maria Bernadette Porto.

PORTO, Maria Bernadette (org.) . *Fronteiras, passagens, paisagens na literatura canadense*. Niterói, EdUFF. 2000

_____. (org.) *Identidades em Trânsito*. Niterói, EdUFF. 2004

SOUZA, Álvaro José de. *Geografia Linguística – Dominação e Liberdade*. Coleção “Repensando a Geografia, São Paulo, Editora Contexto, 1991.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Graduando em licenciatura, Letras Português-Francês pela Universidade Federal Fluminense, trabalhou como professor de francês no projeto de extensão Programa de Universalização de Línguas Estrangeiras – PULE, e Programa de Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas – PROLEM, onde ainda atua. Bolsista de iniciação científica (PIBIC) pelo CNPq, cuja pesquisa ganhou o Prêmio Vasconcellos Torres 2015, na Semana Acadêmica da UFF de mesmo ano, e cujo relatório original deu origem ao presente artigo. Ganhador de Prêmio Cruz e Sousa de poesia em 2007.